

Cultura afrobrasileira no Ensino Infantil: um olhar histórico-cultural

*Natália Galdiano Vieira de Matos- Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia
nataliagaldiano@yahoo.com.br*

*Pedro Paulo de Freitas Braga- Graduando em História na Universidade Federal de Uberlândia
negobraga@hotmail.com*

Resumo

O presente trabalho foi elaborado a partir de reflexões advindas da prática do ensino da cultura afrobrasileira, realizada em uma escola do Ensino Infantil da cidade de Uberlândia-MG, escola essa, que participa do programa de inclusão de crianças com necessidades especiais. A prática consistiu na inserção do ensino da História e cultura afrobrasileiras, tendo por suporte a Capoeira Angola. Esta modalidade de capoeira foi escolhida porque nela se exaltam a tradição e a etnicidade. Pela oralidade, a tradição foi transmitida, de geração a geração, tornando-se possível o resgate das histórias de diferentes pessoas, que contribuíram na formação cultural brasileira. Participaram das atividades crianças das séries do Ensino Infantil- Jardim I e Jardim II. Durante cinco meses, com encontros semanais, foram desenvolvidas diversas atividades, tais como : contação de histórias com uso de fantoches, evidenciando a vinda dos negros ao Brasil e sua reconfiguração cultural no país; musicalização com instrumentos e ritmos desta modalidade de Capoeira, ritmos esses presentes em outras manifestações culturais afrobrasileiras; aulas de movimentação, incluindo a dança e a brincadeira. Valendo-se da perspectiva teórica histórico-cultural, foi possível observar sutis transformações nas falas e comportamentos das crianças. Para esta vertente teórica, as práticas sociais e o meio cultural são fundamentais à constituição de todo e qualquer indivíduo. As significações sociais de determinado sujeito dependem da sua formação cultural e social, mediada pelo Outro. Apresenta ainda esta teoria a temática da deficiência que, com o olhar diferenciado daquele que vê falhas, mostra as diversas possibilidades compensatórias e a importância da interação social neste processo. Discorremos por temas caros à Psicologia Social, entre eles, o processo de constituição do sujeito simbólico, racismo cultural, inclusão social de crianças com necessidades especiais e constituição cultural brasileira. Em conclusão, constatamos a importância do ensino da história e cultura afrobrasileiras na constituição simbólica das crianças, e na inclusão de um ensino popular- cultural, que durante séculos foi silenciado.

Palavras-chave : Ensino Infantil ; Cultura afrobrasileira ; Teoria histórico-cultural

1 Considerações iniciais

A ementa do ensino de História do Brasil na grade curricular das escolas apresenta falhas e erros. Durante séculos, o padrão ideológico imposto em nossa sociedade foi ditado pela elite do país que tinha maior acesso à educação formal e, conseqüentemente ao gerenciamento público e de diversas instituições. Nas diretrizes metodológicas e curriculares era imprimido um olhar direcionado a valorizar o papel do colonizador, tornando evidente a discriminação e o racismo (SANTOS, 2007).

Durante o século XX, ocorreram mudanças na consituição brasileira, no entanto, ainda há resquícios da exclusão dos negros no ensino. Isso é evidenciado pelos índices de analfabetismo e grau de escolaridade da população negra do país, e também na perpetuação dos conteúdos aplicados no processo educacional, que minimizam a participação e contribuição dos negros e de sua cultura para a formação do Brasil.

Consciente da necessidade de transformação desse quadro, esta escola de Ensino Infantil, que participa do programa de inclusão de crianças com necessidades especiais, incluiu a temática História da África e da cultura afrobrasileiras em sua grade curricular, seguindo a lei federal nº. 10.639/2003 que propõe a obrigatoriedade do ensino desta temática.

De acordo com a teoria histórico-cultural, as funções culturais no indivíduo surgem como resultado da progressiva inserção da criança nas práticas sociais do seu meio cultural, que com a contribuição da mediação do Outro, vai se constituindo humano, ser social e cultural (PINO, 2005). Esta teoria apresenta ainda a temática da deficiência e mostra as possibilidades compensatórias e a importância da interação social nesse processo.

Seguindo essa perspectiva, é possível pensar que a discriminação, a desigualdade, o racismo e o preconceito não nascem em maternidades, mas sim, são criados ao longo do processo de constituição do indivíduo, que tem na infância o momento chave para agregar e internalizar as informações sociais e culturais. Portanto, na tentativa de construir um mundo livre da intolerância e dos preconceitos instituídos historicamente na humanidade, também é necessário dar atenção à formação de nossas crianças.

Para o ensino da temática História e cultura afrobrasileiras, e para proporcionar uma experiência social que inclui e integra sem discriminação ou preconceito, a Capoeira Angola foi utilizada. Essa manifestação cultural genuína apresenta a voz daqueles, que durante séculos, foram silenciados.

2 Capoeira Angola

2.1 Um breve histórico

Conforme Barbosa (2005, p. 78),

A capoeira é um ritual de luta, dança e jogo que funciona como um sistema recreativo, estético, ético e profissional. Mestres e aprendizes cultuam-na como um processo libertário no qual o indivíduo aprende a se posicionar no centro de si mesmo e a encontrar seu espaço de mediação, ou seja, seu ponto de referência na roda do jogo e do mundo. Para eles, a capoeira é a articulação de uma linguagem do corpo com os planos mental e espiritual.

Historicamente, a capoeira consistiu em uma prática marginal e, por séculos, foi vinculada a negros escravos e libertos. Surgiu da reelaboração cultural em que a busca da ancestralidade, a preservação da tradição e a manifestação contra o poder sempre estiveram presentes (SANTOS, 2004).

A capoeira tem modalidades diferentes, dentre as quais a Angola e a Regional se destacam. Bomfim (2003) distinguiu as modalidades entre si e verificou que a Capoeira Regional se transformou em esporte nacional e caminhou para uma elitização que a fez perder relativamente sua etnicidade e tradição, enquanto a Capoeira Angola manteve a tradição e sua história ancestral.

Os mestres angoleiros se preocupam em transmitir tanto os conhecimentos dessa prática em todas suas esferas (musical, de movimentação e histórica) quanto uma filosofia de vida. Ainda segundo Bomfim (2003), as pessoas que praticam a Capoeira Angola exaltam a etnicidade dessa modalidade e mantém relações de afetividade entre si: sentem-se pertencentes a um grupo, além de se oporem à massificação crescente que caracteriza a contemporaneidade. Eis porque o ensino da Capoeira Angola tem em suas bases o “sentido

de comunidade, na oralidade, no respeito e na reverência aos ancestrais, na corporalidade, no olhar, no toque, na musicalidade, na mandinga” (SANTOS, 2004, p. 53).

Acredita-se que a origem dessa manifestação seja um ritual africano da região Sudoeste da Angola, província de Huila, conhecido como N’golo ou dança da zebra. Ele era realizado como um rito de puberdade das moças que lá viviam. Neste ritual seria escolhido para casar-se com a jovem o ‘guerreiro’ que fizesse os melhores golpes, que faziam analogia aos movimentos de acasalamento das zebras (ASSUNÇÃO & COBRA MANSA, 2008).

No período da escravidão negreira, primeira metade do século XVI, os negros foram trazidos ao Brasil para inicialmente trabalhar nos engenhos de açúcar. Eram maltratados e obrigados a trabalhar indignamente, eram proibidos de praticar seus rituais e festas, foram obrigados a seguir a religião católica e adotaram a língua portuguesa. No entanto, trazendo impresso em seus corpos sua cultura, os negros realizavam seus rituais, faziam suas festas e mantiveram algumas representações que se desenvolveram e mesclaram com outras expressões presentes em território brasileiro (MINTZ & PRICE, 2003).

No Brasil, os negros utilizaram seus corpos, resgatando os movimentos do N’golo, para se manifestarem e também para reagirem contra os feitores, assim o que era dança se transformou em luta. No período de escravidão, muitos negros fugiram dos engenhos e formaram os quilombos, uma alternativa para manifestar contra o poder, buscar a liberdade e praticar sua própria cultura (MACEDO, 2004).

Na história dos negros no Brasil há também a Revolta do Malês ocorrida em 1835. Sendo esta uma importante luta contra a escravidão e a imposição da religião católica. A revolta ocorreu em Salvador, que na época tinha cerca da metade da população composta por negros escravos ou libertos. Foi protagonizada pelos negros mulçumanos conhecidos como malês, sendo assim chamados, porque sabiam ler e escrever o idioma árabe. A Revolta consistiu na organização dos africanos islâmicos para libertar os escravos africanos e implementar um governo mulçumano (MOURA, 1994).

De acordo com Soares, em meados do século XIX começaram a se constituírem as maltas de capoeiristas. Essas maltas eram organizações de capoeiristas em grupos, que durante o período imperial que se fazia ouvidos pela desobediência civil e pela sua proximidade com determinadas vertentes políticas que, de alguma maneira, detinham a hegemonia governamental da época (SOARES, 2004).

Nas primeiras décadas do período republicano a capoeira esteve no código penal brasileiro, sendo proibida. No entanto, em 1937 ela foi descriminalizada pelo presidente Getúlio Vargas e passou a ser praticada em academias, nas ruas e praças das cidades (RODRIGUES & BRAGA, 2008).

Atualmente, a capoeira é um ritual que mantém o sincretismo cultural, como é apresentado nos gestos, nos cânticos, nos toques dos berimbaus, nos louvores, na dança, na luta e na brincadeira. A Capoeira desenvolveu uma linguagem própria para expressar suas inquietudes, sua contestação e suas glórias, uma visão sobre o mundo que carrega as experiências do oprimido e constituem história que contrapõem a visão eurocêntrica que se sedimentou nas instituições, na memória e nos documentos que até hoje se fazem presentes no ensino.

A Capoeira, então, é uma prática social constituída pela tradição cultural dos negros no Brasil e tem na base de sua história a exclusão e as forças de superação.

2.2 História, cultura e arte no ensino com a Capoeira Angola

A Capoeira Angola apresenta um modelo de transmissão do conhecimento baseado na oralidade e na memória coletiva de determinado grupo. Por meio das músicas, das atividades físicas e de sua história é possível entender e (re)interpretar o passado a partir da visão daquele que foi historicamente silenciado (CASTRO JÚNIOR, 2004).

A tradição oral dentro das culturas afrodescendentes assume um papel muito importante. Os chamados *griots* nessas tradições são considerados os guardiões do conhecimento ancestral e os mantenedores da história de seu povo. São eles que transmitem, através da contação de histórias, os mitos de origem, os feitos de grandes heróis, os modos de vida e os costumes de sua população, dando todo o significado histórico necessário para as práticas exercidas em sua comunidade e também identidade aos seus praticantes (ABIB, 2006).

O corpo nesta arte pode ser visto como forma de expressão, divertimento e diálogo. A musicalidade presente na Capoeira Angola é o complemento indissociável e indispensável ao corpo. O corpo se movimenta mediante os sons emitidos pelos instrumentos que compõem a roda de Capoeira Angola (berimbaus, pandeiros, atabaque, agogô e reco-reco). Além disso, seu elemento poético, representado pelas cantigas entoadas nas rodas, trazem em seus conteúdos ensinamentos, fatos históricos, culto aos ancestrais e o passado de sofrimento destes no período da escravidão (ABIB, 2006).

Na Capoeira se valoriza a coletividade, a sociabilidade e o companheirismo (BOMFIM, 2003), sendo assim, o olhar para o outro pode ficar mais familiar, dificultando o surgimento de estranhamentos e preconceitos.

As contações de histórias, as brincadeiras conceituais lúdicas e os fundamentos da Capoeira Angola em geral, possibilitam apresentar uma manifestação cultural que não está presente nos livros didáticos e meios midiáticos. A Capoeira traz uma nova forma de enxergar o mundo e o outro. Com ela é possível ampliar o repertório cultural das crianças e conseqüentemente suas significações sociais, proporcionando a naturalização às diferenças étnicas, cultural e de cor.

3 Formação social e cultural

3.1 Reflexões a partir da perspectiva histórico-cultural

A especificidade humana, a diferenciação do homem em relação aos outros animais, ocorreu com o desenvolvimento das funções sociais e culturais. Portanto, a constituição do indivíduo se dá tanto pelas funções naturais, regidas por mecanismos biológicos, quanto culturais, regidas por leis históricas (PINO, 2005).

De acordo com a lei genética do desenvolvimento cultural, construída por Vigotski, o desenvolvimento cultural da criança ocorre primeiramente no plano social, categoria interpsicológica, e posteriormente no plano psicológico, categoria intrapsicológica (VIGOTSKI, 1997 apud PINO, 2005). Esse processo de desenvolvimento nos permite pensar que o ser humano não emerge diretamente de leis naturais, mas surge como resultado da inserção da criança nas práticas sociais do seu meio cultural.

Desde seus primeiros dias de existência, o bebê humano, por meio de um mediador, é ultrapassado por diferentes mecanismos culturais, dando-lhe um caráter cada vez mais imaginativo e menos instintivo. Esse nascimento cultural da criança é primordial para que ela se insira no campo das significações humanas e para que se torne um ser cultural (PINO, 2005).

As significações, as relações entre signos e objetos, constituem-se com o auxílio de um terceiro, interpretante, sendo assim, as funções das interações sociais são determinadas pelas relações sociais de determinados sujeitos. Pino retifica esse pensamento ao concluir

que as posições sociais são determinadas pelas significações atribuídas em uma dada formação social (idem).

O autor ainda acrescenta o papel da linguagem na história humana. As palavras veiculam significados socialmente instituídos, permitindo a emergência de múltiplos sentidos, que dependem da realidade e das condições concretas dos interlocutores (idem).

Sendo as significações instituídas, o sentido das palavras e as funções sociais construídas socialmente, tendo como princípio para tal um terceiro interpretante, torna-se fácil entender o racismo e a discriminação existentes. Se em nossa sociedade as normas e ideologias, e conseqüentemente certas significações foram ditadas pelas classes dominadoras, o colonizador branco e os detentores da maior parte do capital, aquilo que não estava em seu campo de significação ou fora de sua norma, era excluído ou mal visto. Essa classe dominante esteve e está presente como interpretante nas escolas e outras instituições.

Para a transformação desse quadro, ou seja, para incluir as significações excluídas ou apresentá-las como representação social de um grupo cultural tão importante na formação social e cultural do país, se faz necessário a transformação dos futuros intepretantes, as crianças de hoje. Apresentar aquilo que não está inserido na realidade dessas crianças, o que a mídia exclui e o que as escolas silenciam, é o primeiro passo.

Também estão perpassadas pela ideologia dominadora as pessoas com necessidades especiais, que de acordo com a norma vigente, estão fora dela. Nesse trabalho, foi possível destituir essa norma e apresentar outra, que inclui e vê possibilidades ao invés de falhas.

3.2 Práticas educativas na educação especial

Em seus estudos sobre as crianças com necessidades especiais, Vigotski apresentou que o ensino dessas crianças deve perder seu caráter de especial e se tornar um trabalho educativo comum. Para ele, existem processos compensatórios e de desenvolvimento possibilitados pela realidade social que perpassam a criança. O intelecto, por ser de natureza heterogênea e por ter uma multiplicidade de funções, pode desenvolver-se de maneira criativa e superar limitações quantitativas (VYGOTSKI, 1925/1997).

Diferentemente da significação tradicional de que o defeito seria uma carência, uma insuficiência que limita o desenvolvimento, Vigotski demonstrou que a dificuldade cria obstáculos e que esses são estímulos para se encontrar outros caminhos de desenvolvimento, assim o desenvolvimento dessas crianças não é menor, mas de outro modo, sendo a natureza dessa diferença qualitativa. Juntamente com as dificuldades estão as forças e tendências de superação e, muitas vezes, as crianças criam formas de desenvolvimento criativas e diversas. Isso dependerá do grau da dificuldade e da riqueza de possibilidades compensatórias (VYGOTSKI, 1927/1997).

O processo de compensação é um constante criar e recriar da criança sobre a base de reorganização das funções de adaptação, de formação de novos processos substitutos e abertura de novos caminhos para o desenvolvimento. Para tanto, nas relações sociais com essas crianças é necessário conhecer a peculiaridade de seu desenvolvimento e descobrir as tendências. Dessa forma, a escola e o educador tem a função de possibilitar um desenvolvimento critativo (idem).

Nesse trabalho utilizou-se a Capoeira Angola para promover a desmistificação da norma que vê falhas e limitações. As crianças com dificuldades motoras construíram uma maneira própria de se movimentar e jogar a Capoeira. Aquelas com deficiência mental interiorizaram as significações dessa manifestação e participaram cantando, tocando os instrumentos e movimentando-se. A Capoeira também promoveu no grupo uma interação divertida entre as crianças, construindo um olhar que inclui e não discrimina. A

coletividade também foi fator fundamental para o desenvolvimento compensatório de algumas crianças.

Por estar perpassada pela história de luta, de desenvolvimento criativo e compensatório dos marginalizados, a Capoeira poderia equivaler-se à superação e desenvolvimento dessas crianças, que travam diariamente uma batalha com os obstáculos sociais presentes.

4 Atividades

As atividades foram desenvolvidas sem a pretensão de formar grandes capoeiristas, mas sim, utilizou-se da Capoeira para apresentar uma das manifestações populares do país, que se encontra nos redutos das cidades, proporcionando às crianças a ampliação de seus repertórios culturais e significações sociais.

O trabalho foi dividido em três tipos de atividades sendo, musicalização, contação de história e movimentação, sempre visando a coletividade, a participação e divertimento das crianças.

As aulas de musicalização se pautaram na apresentação e manuseio dos instrumentos que compõem a bateria da Capoeira Angola, reco-reco, agogô, pandeiro, atabaque, berimbau e caxixi, e no aprendizado de músicas que estão presentes nesta manifestação. Tais músicas apresentam histórias de capoeiristas, fatos do cotidiano, histórias dos negros africanos, os instrumentos, movimentações e religiosidade afrodescendente.

Na primeira aula de musicalização os instrumentos foram apresentados. O pandeiro, instrumento de origem árabe e utilizado pelos colonizadores portugueses. O agogô, instrumento de ferro de origem africana, também utilizado em folguedos populares e em cerimônias religiosas afrobrasileiras. O reco-reco, instrumento feito de gomo de bambu ou mola de arame enroscada, muito difundido entre trovadores nordestinos. O atabaque, instrumento oriental difundido na África, feito com tronco de madeira morta e com couro de animal, também utilizado em terreiros religiosos, O caxixi, palavra de origem africana que significa palma da mão, pois é desta maneira que ele é utilizado. O berimbau, feito com cabaça, tronco de madeira e arame, instrumento que mais caracteriza a Capoeira (REGO, 1968).

Nessas aulas as crianças aprenderam a marcação do ritmo da Capoeira com os instrumentos. Também aprenderam algumas músicas :

Eu sou angoleiro,
Angoleiro jogador
Eu sou angoleiro
Angoleiro de valor
Eu sou angoleiro
Angoleiro é o que eu sou
(Domínio público)

Tem dendê, tem dendê,
Olha o jogo de Angola tem dendê
Tem dendê tem dendê
Capoeira de Angola é pra mim pra você
Tem dendê tem dendê
Olha o jogo dentro tem dendê
(Domínio público)

Para a primeira música citada foi inserida a história dos negros de Angola que foram trazidos ao Brasil e aqui constituíram a Capoeira. Através desta última música citada, explicamos os significados da palavra dendê, óleo utilizado na culinária baiana e o sentido atribuído aos capoeiristas, malícia, molejo, mandinga, “tempero”, logo depois, alteramos a música cantando o nome de cada criança associado à expressão “tem dendê”.

Nas atividades de contação de história utilizamos recursos lúdicos tais como, fantoches e figuras. Após cada apresentação era feito um desenho sobre o tema apresentado.

Iniciamos contando a história da vinda dos negros ao Brasil e do surgimento da capoeira. *Griotzito*, fantoche que contou a história, também apresentou o mapa da África e do Brasil e o mar que separa estas terras. Ao terminar a história, cada criança coloriu um mapa da África e depois foi feito um quebra-cabeça para cada uma com seus respectivos mapas.

Também foi apresentada a história de vida do grande mestre de Capoeira Angola, Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha. Esse grande griot brasileiro foi quem disseminou a Capoeira Angola por todo país. Ao final da história, cada criança coloriu um desenho do mestre, que depois foram expostos na escola em um painel.

As aulas de movimentação foram realizadas de maneira lúdica, utilizando-se alguns movimentos da Capoeira Angola tais como, ginga, au e negativa. Quando possível, a movimentação era feita em dupla ou grupo. Nestas aulas também imitamos movimentos de diversos animais, jacaré, zebra, macaco, onça entre outros. A Capoeira, além de remeter-se ao N’golo, ritual africano em que guerreiros imitavam zebra, também tem movimentações que se assemelham a outros animais, portanto esses animais foram imitados, até o momento, de maneira livre e sem padronização.

A cada dia, nas falas e comportamentos das crianças, foram observadas sutis transformações no que se refere a inclusão, coletividade e diferenças. Durante as atividades as crianças procuravam incluir aquelas com necessidades especiais e em determinados momentos, quando apresentavam alguma dificuldade, auxiliavam-nas. Outras desenvolveram maneiras próprias de jogar e brincar a Capoeira. Seus corpos, ao invés de limitadores, foram obstáculos ultrapassados criativamente.

Algumas crianças com deficiências mentais apresentaram, no início, resistências em participar das atividades, no entanto, surpreenderam quando começaram a participar, cantando, tocando instrumentos e interagindo com os colegas. Interagiram com os outros de maneira natural, sem que houvessem estranhamentos e preconceitos. Aprenderam o cumprimento típico da Capoeira, gingaram, cantaram e tocaram os instrumentos. Quando, aparentemente, não estavam participando respondiam, ou lembravam de músicas que as outras crianças não lembravam. Aos poucos foram entendendo a forma de brincar, jogar, dançar e significar a Capoeira. Esta, foi mediadora para que educador e criança encontrassem modos de comunicação.

Ao falarem de si para uma criança negra, duas crianças brancas denominaram-se negras. Este fato demonstrou aos educadores que as significações sociais, realmente são construídas. As diferenças de cor e de raça, preconceitos ou discriminações nesse país não existiriam se considerássemos a multiplicidade cultural e racial que constituiu o povo brasileiro.

5 Considerações finais

Entendendo que a noção de raça, cor e preconceito são construídos socialmente, com este acontecimento pode se verificar que para essas crianças a diferenciação de cor de pele não é significativa, já que para eles o branco poderia ser denominado negro e este denominado branco.

A Capoeira Angola é uma arte de confraternização, sem a interação entre as pessoas não há ritual, pois não se joga Capoeira sozinho. Em uma roda todos são fundamentais para seu bom desenvolvimento, quem responde o coro é tão importante quanto o puxador das cantigas. Quem escreveu sua história no passado é referência para os praticantes do presente. Isso permitiu que as crianças brincassem e jogassem a Capoeira Angola sem preconceito e discriminação, estabelecendo relações de cooperação, respeito e amizade.

Cada criança descobriu suas potencialidades, algumas demonstraram facilidade com os instrumentos, outras com os cantos e outras com os movimentos. Assim, todas as crianças, em seu ritmo e tempo, foram aprendendo uma nova forma de significação cultural e social. Aprenderam sobre as diferenças e respeitá-las; sobre os negros no Brasil e grandes mestres que estão vivos na memória coletiva; sobre superar e enxergar potencialidades. Aprenderam um jeito novo de estar na escola, um jeito capoeira, que ao se deparar com qualquer dificuldade ultrapassa-a brincando e sendo criativo, jogando o jogo da própria vida.

6 Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 26, n. 68, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 mar. 2009.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; COBRA MANSA, Mestre. A dança da zebra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 3, n. 30, p. 14-23, mar 2008.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Capoeira: a gramática do corpo e a dança das palavras. **Luso Brazilian Review**, n. 42, v. 1., 2005.

BOMFIM, Camila Carrascoza. Ginga urbana: apontamentos sobre capoeira na cidade de São Paulo. In: **IV Congresso Rama Latinoamericana** — IASPM. Cidade do México, México. 2003. Disponível na World Wide Web: <<http://www.hist.puc.cl/historia/iaspm/mexico/articulos/bomfim.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2008.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2003.

MACEDO, Ana Paula Rezende; MACHADO, Maria Clara Tomaz. **As poesias da dança da zebra: Capoeira Angola e Religiosidade**. Uberlândia, 2004

MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica**. 1 ed. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Pallas: Universidade Candido Mendes, 2003.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. 8 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo :Cortez, 2005.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola ensaio sócio-etnográfico**. 1 ed. Salvador, Editora Itapuã, 1968.

RODRIGUES FILHO,Guimes ; BRAGA,Pedro Paulo de Freitas. **O Movimento Capoeira: Dos boletins de ocorrência do século XIX ao doutorado do Mestre João Pequeno no século XXI**. In:PAULA, Benjamin Xavier de; PERON, Cristina Mary Ribeiro.**Educação,História e Cultura da África e Afro** –Brasileira Teorias e Experiências. Uberlândia, MG. Ribeirão Gráfica e Editora, 2008.

SANTOS, Isabele Pires. Capoeira: educação e identidade étnico-cultural em grupos/academias da cidade de Salvador — Bahia. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 30, pp. 47–60, jan./jun 2004. Disponível na World Wide Web: <<http://www.uefs.br/sitientibus/edicoes/7.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

_____. Identidade, relações étnico-raciais e a capoeira: os olhares de uma escola. In: OLIVEIRA, Iolanda de, AGUIAR, Márcia Ângela da Silva , SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e, OLIVEIRA, Rachel de (Orgs.). **Negro e educação 4: linguagens, resistências e políticas públicas**, São Paulo: Ação Educativa; ANPED, 2007.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2 ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2004.

VYGOTSKI, Lev Semiónovic. (1925). Principios educativos de los niños físicamente anormales. In: VYGOTSKI, Lev Semiónovic. **Obras escogidas: Fundamentos de defectologia**, v. V, Madrid : Visor, 1997.

VYGOTSKI, Lev Semiónovic. (1927). El defecto y la compensación. In: VYGOTSKI, Lev Semiónovic. **Obras escogidas: Fundamentos de defectologia**,v. V, Madrid : Visor, 1997.